



SIMAGEM: DESENHO, ANIMISMO CAVALAR E ECOLOGIA

SIMAGEM: DRAWING, HORSE ANIMISM AND ECOLOGY

Gastão da Cunha Frota
IARTE/UFU

Mestre pelo *Pratt Institute* com ênfase em *New Forms* como Bolsista do programa ApARTES - CAPES. Doutorando em multimeios na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, investigo em Performance relações entre Arte e Estudos Animais, com foco em equinos, tendo realizado em Lisboa a Performance *Xapsim! Conversas-dança-desenho*.

RESUMO

As imagens e os mundos-de-vida produzidos *junto* aos animais refletem diferentes modos-de-relação, ora companheiros e/ou antropomórficos, e por vezes menos antropocêntricos, ora o inverso. Como sentir-pensar e produzir uma Arte de responsA (*responsAbility*, Haraway) ecológica se não atribuímos agência a espécimes de espécies além-da-humana? Sob esta pergunta, o artigo apresenta a resignificação do conceito de *animismo* pela Antropologia e introduz conceitos da área de Estudos Animais no âmbito da crítica ético-estética aproximando Arte e Ecologia num sentido existencial. Ao final apresenta-se a prática de criação artística a investigação, a performance *Xapsim: conversa-dança-desenho* (2021), que envolvendo a participação e o protagonismo de cavalos vivos, visa produzir uma *simanimagenia* relacional.

PALAVRAS-CHAVE

Cavalos. Animismo. Relacionalidade. Desenho. Simanimagenia.

ABSTRACT

The images and life-worlds produced with companion animals reflect different modes-of-relationship, with greater or lesser relationality, and different aspects of anthropocentrism. How to feel-think and produce a more ecological Art, with responsAbility (Haraway), if we do not attribute agency to specimens of species beyond-human? Under this question, this article presents the reframing of the concept of animism by anthropology and seeks to introduce concepts from the area of Animal Studies within the scope of ethical-aesthetic criticism, in order to bring Art and Ecology closer together in an existential sense. At the end, I present results of the practical research of creating a performance involving the participation and protagonism of live horses, through images of the Xapsim process: conversation-dance-drawing (Lisboa, 2021).

Keywords

Horses. Animism. Relationality. Drawing. Simanimagenic.



Mitologia e Affordances

"O animismo é a única forma sensível do materialismo"

Viveiros de Castro

"Aconteceu uma vez que, como pode ocorrer a qualquer um, não encontrava solução para meus problemas de negócios e para tudo o que se relacionasse com eles, e pensava abandonar tudo; em tal estado de espírito enterrei-me na cadeira de palha, com o animal sobre os joelhos, e ao olhar para baixo percebi casualmente que dos longuíssimos pelos de sua barba gotejavam lágrimas. Eram minhas? Eram suas? Tinha também aquele gato com alma de cordeiro ambição humana?"

F. Kafka

Entre os animais outros-que-humanos, aqueles com *quem* temos convívio mais intenso e de longa duração tiveram seus comportamentos e corpos modificados, a nível genético, pelo conjunto de ações humanas referido como domesticação. Ditos *espécies companheiras* por Haraway (que inclui aí espécies de outros reinos, como vegetal e fungi), essas criaturas foram profundamente afetadas por interesses econômicos, estéticos e espirituais de diferentes grupos humanos desde a pré-história. Nos mundos-de-vida *junto a* eles, (no viver-com eles) produzimos *simagens* que refletem modos-de-relação: mais relacionais e, portanto, animistas, como argumentarei – ou menos (objetificação mecanicista). genciados ora de maneiras mais antropomórficas, e por vezes menos antropocêntricas, ora o inverso. Como isso nos afeta? A fim de promover um pensamento ecológico mais e mais tem se pensado criticamente os efeitos cosmopolíticos de tais agências.

O cavalo é um caso extremo dessa ação antrópica pois não restou na Terra nenhum espécime que não carregue em seus genes a marca desse companheirismo humano, mesmo tendo sido domesticados a muito menos tempo que os cachorros (cerca de 40000 a.c.). Há ainda cachorros, e gatos etc. selvagens autóctones, isto é, cuja forma e genes refletem uma *cultura* – de relações multiespécies anteriores às práticas de confinamento e depuração de raças² – originária do bioma ambiental no qual evoluíram livremente, mas não cavalos. Ainda que a pesquisadora Lucy Rees tente bravamente re-aflorar seu comportamento natural a fim de



entender sua etologia, promovendo que um grupo seletivo viva sem qualquer intervenção humana no interior da Espanha, o comportamento equino existente está definitivamente marcado pelo humano³.

Naturalmente extintos nas Américas, eles foram reintroduzidos pela chegada dos europeus, sendo que na América do Norte sua presença se tornou tão marcante que, adotados também pelos ameríndios como companheiros, são confundidos com espécie nativa e gozam inclusive de status jurídico especial, como mostra o primeiro episódio da série *Human Footprint* (2023).



Imagem 1. Escultura do Cavalo Americano a frente do Museu de História Natural do Chile. Foto do autor.

Como signo, o cavalo possui a extensão dos mil platôs pelos quais os humanos, neles montando, os fizeram migrar e adaptar-se aos mais diversos biomas da Terra, com exceção de algumas ilhas e da Antártica. Junto aos humanos eles vivem como trabalhadores, companheiros, cobaias e máquinas de laboratório, deidades crianças, antropomorfizados em



atividades que vão da guerra ao lazer, do sacrifício ao atletismo; e são ainda comidos, não só na Europa. Definitivamente cavalos são seres antropofagizados! Caçados e adorados, ora ainda bestializados, alguns resistem fugidos, onde ainda há lugar para isso (e onde, por serem espécies invasoras de vida feral, são agora objeto de controle ecológico).

O livro grego mais antigo sobre a lida direta *com* os cavalos é de Xenofonte. Ele traz recomendações sobre como torná-los obedientes, e, frisando as vantagens dos cavalos de temperamento comedido, tece considerações sobre eles de acordo com situações de guerra, trabalho ou desfiles públicos a que os destinavam.

“Resumindo: o cavalo que tem as patas sãs, manso e bastante veloz, tem vontade e força para aguentar o trabalho e, acima de tudo, é obediente, é o cavalo que vai, naturalmente, dar menos problemas e maior segurança ao seu cavaleiro na guerra.” “É bom certificar-se se ele está igualmente disposto a obedecer quando despertado por um golpe. Pois um servo desobediente e um exército desobediente são obviamente inúteis; e um cavalo desobediente não é apenas inútil, mas muitas vezes se comporta como um traidor.”

Esse utilitarismo *com* e apensar deles, dos cavalos, é tão absolutamente antrópico quanto nosso especismo pode ser normativo e na medida exata em que o *quem* animal é solapado pelo utilitarismo eles podem ser resumidos a função de servos ou traidores. Ao compararmos essa descrição sobre a doma e posse de cavalos com o protagonismo deles nas narrativas míticas, entretanto, os animais se mostram como fonte infinita de fabulações especulativas (SF, Haraway, 2013) – e que via relacionalidade talvez possamos recriar sob novas formas a fim de criarmos um imaginário mais ecológico, e menos calcado na reiteração do excepcionalismo humano.

Desde as pinturas rupestres devotamos um naturalismo a representação de animais outros que humanos que só muito posteriormente voltamos sobre nossos próprios corpos. Os cavalos figuraram em quantidade próxima à dos humanos em muitos museus e na História da Arte até o século XIX, quando então sua presença decaiu em número sem que sua importância desapareça. No saguão de entrada da Academia de Belas Arte em Lisboa, por exemplo, entre as réplicas em gesso de baixos-relevos e esculturas gregas figuram aproximadamente 70 criaturas, sendo que somente metade delas representam humanos. Na cópia do Laocoonte há duas serpentes marinhas gigantes, ali um carneiro, já os cavalos são mais de 30, somente dois a três a menos que os humanos. No friso das Amazonas e outros baixo-relevos da antiguidade, comprimidos em profundidade, figuras de cavalos sobrepostas se repetem representando pela primeira vez o movimento sequencial de maneira mais explícita na



escultura, sendo que tal fascínio pela representação do movimento dos animais está presente desde as pinturas rupestres (Marc Azém & Florent Rivère, 2012).

Pouco, entretanto, foi escrito na história da Arte sobre os freios de boca apertados, os olhos arregalados e as caras assustadas dos equinos na estatuária greco-romana. Nela podemos ver os furos onde os elementos de arreata se encaixavam (e que por serem de metais, inclusive de ouro, foram roubados). Os gestos humanos e as fisionomias da grande maioria desses cavalos atestam a violência e falta de compaixão para com eles, salvo poucas exceções.⁵



Imagem 2: Fotomontagem de réplicas dos frisos do Partenon na entrada da Academia de Belas Artes de Lisboa, acrescida (ao centro a esq.) da parte omitida dum retábulo.

Mais que nos acompanhar, os cavalos são capazes de transportar a nós e nossas tralhas, até certa medida (no lombo até um quinto de seu peso e puxando não mais que a metade). E porque correm mais rápido que os animais-humanos, promovem-nos uma experiência de aceleração única, quando a eles em corpo nos acoplamos. Essas características parecem estar na raiz do fato que em culturas muito diversas, a imagem do cavalo é associada, além da guerra, também a viagens espirituais, assim como acontece com a figura dos pássaros, símbolos universais do espírito, por sua leveza, voo e canto. Esse "affordance metafísico" vai de encontro à simbologia deles na Umbanda, no Candomblé, no Espiritismo e também em outras religiões e mitologias. Ao incorporar um Orixá por exemplo, quando o *santo baixa*, a pessoa se torna o *cavalo* desta entidade espiritual. No museu do Oriente em Lisboa há uma impressionante escultura equestre em madeira do Timor-leste (s.d) na qual um cavalo muito alongado horizontalmente é montado por uma pequena criança de olhos fundos, representando a viagem do espírito pós-morte ao além. Já nos cavaleiros do Apocalipse, a figura antropomórfica que anima a própria morte é quem o monta, daí o dito popular que "a morte anda a cavalo". O acoplamento é tão marcante que em nossa língua dizemos "andar a



cavalo", uma expressão única e excecional, posto que não se diz "andar a..." qualquer outro meio, senão a pé.

Com presença econômica, militar, mercantil e colonialista marcantes, a figura do cavalo assume protagonismos diversos e até mesmo ambíguos no interior de uma mesma cosmovisão, sendo por vezes alinhados a transcendentalismos, como nas religiões citadas e no simbolismo do coletivo de pintores Cavaleiro Azul (2011); a sagas e rituais de passagem como no conto *O cavaleiro Azul* de Maria Clara Machado que virou um ótimo filme dirigido por Eduardo Escorel (1984); e ainda mais estritamente para evocar virilidade, heroísmo e vitalismo numa infinidade narrativas, que vão do companheirismo fantástico (*Ilíada*, *Grande Sertão Veredas*...) à servidão passiva (na autolatria de ditadores homofóbicos, como Bolsonaro e Putin, por exemplo).



Imagem 3: Fragmento de Cena dum guerreiro carregando seu prêmio. Museu de Arte Cicládica, Atenas. Cerca de 550 a.c. (foto do autor).

Extensão sensual e virtudes celestes parecem mesmo já ecoar na etimologia de seu nome. Do latim *Equus* é cognato do grego antigo *hippós*, e ainda no Indo-Proto-Europeu **h₁ékwos* *ekwos* do qual herdamos equino. Na Índia *Aśvínā* do sânscrito derivado do Indo-Iraniano **aśua-* de mesmo tronco. Ekwos ressoa em Equinócio o "momento em que o sol parece cruzar o equador celestial enquanto se inclina em direção ao observador" (Wikipédia). Na astrologia indiana, chinesa e no signo de Sagitário o cavalo figura com destaque dado a sua importância econômico-militar. Considerado o primeiro animal domesticado na China, tem a forma pictográfica 馬 no qual podemos reconhecer as pernas e o rabo, e outra que serve de



indicação fonética, deriva da imagem dum cavalo empinando 马. Associado a mulher ele forma a palavra mãe, "mulher-cavalo". Como entidade mítica sua simbologia está ligada a saúde, segurança no transporte, virilidade, fertilidade e beleza, alternando conotações de força bruta e inteligência.

Na mitologia grega os beerrões e violentos centauros simbolizavam a força bruta, insensata e cega, mas têm em Quíron uma exceção, já que este representa "ao contrário, a força aliada à bondade, a serviço dos bons combates", como Héracles (Hércules, que é símbolo do homem em luta contra as forças da natureza), de quem Quíron, dada sua inteligência e habilidades em medicina, foi professor.

Ora a correr baixo, como em *Hippós*, ora a voar nos céus como sagitário, o cavalo é uma constelação quimérica de metamorfoses.

Pégaso, cavalo alado que brotou do sangue da Medusa morta, é uma quimera cavalo-pássaro, filho de uma quimera mulher-serpente, e que ainda, domesticado por Belerofonte com um cabresto de ouro dado por Atena, derrotará uma quimera dragão. *Pégaso* é conhecido também por fazer jorrar dum golpe de seu casco, Hipocrene. A saltar do Monte Helicon, Hipocrene é fonte cavalar da inspiração poética por excelência, na qual se banham as Musas dos saberes. Eis aí uma simanimagenia multiespécies a habitar uma ontologia das artes. Esse carácter multiespécies está presente em diversas cosmogonias e ontologias que resistem ao deus do deserto da cosmovisão hebraica-cristã e seu purismo antropocêntrico.

Nas fábulas morais, junto a nós e aos burros, comumente aparecem como símbolo de tração, e, portanto, sob o signo trabalho (como cantados por Chico Buarque em *Os Saltimbancos*, 1977). Tal protagonismo encontrará seu contraponto cosmovisionário na modernidade literária com Kafka.

O Novo Advogado (Kafka, 1920), sendo cavalo mas andando como bípede, sobe aos degraus de mármore dos tribunais, e dá a Bucéfalo a personitude de *quem* mergulha nos códigos humanos, para, em reverso, ser ele agora quem nos lê: "Livre, sem a pressão do lombo do cavaleiro nos flancos, sob a lâmpada silenciosa, distante do fragor da batalha de Alexandre, ele lê e vira as folhas dos nossos velhos livros".



Kafka anuncia subtilmente aí o julgo da natureza sobre nós humanos, com um cavalo-advogado que prenuncia a questão dos direitos animais – tão em voga neste momento em que a crise ecológica se aprofunda, cobrando-nos uma atitude diferente para com os viventes além-dos-humanos. Se por um lado a amizade dos animais (dos equinos para conosco, e também entre bichos de diversas outras espécies, como se pode ver aos montes no youtube) levou diversos escritores a fabularem animais falantes⁴, como na *Ilíada* e em Guimarães Rosa (Kafka não chega a colocar-lhe palavras a boca mas o sugeri, posto que o cavalo lê e advoga); por outro, a senciência dos animais e suas empatias relacionais são ainda pouco reconhecidas ou vistas como objeto de surpresa e incompreensão (como se vê na reportagem sobre um cavalo em luto: <https://www.youtube.com/watch?v=H9AN4tmdmts>). (sobre isso recomendo leitura dos livros e artigos de Esther Maciel).

A espécie

Na Wikipédia os equinos são apresentas segundo a biologia:

"Os **equinos** (do latim científico *Equidae*) constituem uma família de mamíferos perissodáctilos. Esta família abarca apenas o género *Equus*, onde se classificam o cavalo e o burro, além da zebra. A família Equidae evoluiu ao longo de vários milhões de anos, desde animais florestais de pequenas dimensões até ao cavalo moderno e seus contemporâneos do género *Equus*. A sequência evolutiva do grupo foi estudada pelo paleontólogo Othniel Charles Marsh, com base em descobertas realizadas em jazidas fossilíferas da América do Norte, nos anos 1870. Desde então tem sido um dos exemplos mais comuns de sucessão evolutiva de espécies e são animais adaptados para a corrida, de origem africana e asiática.^[1] Ao longo da sua evolução, os equídeos foram diminuindo o número de dedos e adaptando a dentição para uma alimentação à base de vegetação rasteira." (Wikipédia)

Assim apresentados, os perissodáctilos são parte duma taxonomia Evolucionista, animais mamíferos herbívoros que correm sob dedos que viraram patas e mastigam grama. Já com nossos pés ao chão, no cara a cara eles são um bichão. Tem muita gente que morreu e morre de, com e/ou a cavalo, assim como há humanos que *com* o companheirismo dessas criaturas afetivamente renascem aprendendo a sentir confiança e amor (a equoterapia, por exemplo, apresenta ótimos resultados para TEPT). Há obviamente também quem morra por coice ou cabeçada de burros, mas devido ao depreciativo associado ao nome da espécie não se fala muito disso; e certamente há os que morrem por se meterem com as selvagens zebras.



Cavalos e burros são seres duma sociabilidade afim à nossa e foi isso que permitiu o início da integração deles à alguns ambientes domésticos humanos nas estepes da eurásia a muito mais de 6000 anos atrás. Essa data é objeto de disputa por arqueólogos geneticistas que trabalham comparando análises de DNA de espécimes hodiernos com as provenientes de vasilhas de leite e ossos fósseis. Toma-se por base duas provas: uma de que a cerca de 6000 humanos já bebiam leite de égua, outra que há 4200 anos atrás o genoma dos cavalos estava marcadamente transformado pela intensidade desse convívio – o que ocorreu mais visivelmente com outros animais de criação, como porcos, carneiros e aves, cada dia maiores, mais passivos e mais carnudos, dado ao estupidificante confinamento (Despret, 2013) prolongado por muitas gerações.

Em meio aos interesses econômicos que financiam a investigação Genética, as provas obtidas na disputa por essa data inaugural da *domesticação* têm lá seu valor, mas é preciso apontar duas premissas falsas que algumas narrativas de divulgação científica (https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120508_misterio_cavalos_mansos_mv e <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/domesticacao-de-cavalos-aconteceu-ha-4-200-anos-conclui-novo-estudo>) parecem endossar e promover, com o uso desses dados científicos.

Uma é a de que a genética isoladamente seja capaz de elucidar o enigma da passagem entre a vida autóctone dos cavalos – passando por uma relação ancestral de caça e presa para uma de espécies companheiras, *i.e.* para uma relacionalidade co-evolutiva. Pinturas rupestres de mais de 30000 anos atestam nosso fascínio por eles, enquanto a relação de caça remete mesmo a centenas de anos. Segundo Marcia Schmaltz "Ossos de cavalo, entre 400 e 800 mil anos a.c., também foram encontrados nas cavernas junto do Homem de Beijing e do Homem de Lantian, na província de Shaanxi".

Na disputa pela datação, os afetos que evoluem do convívio são reduzidos ao signo do "Doméstico" com o qual se sela na narrativa um pacto de servidão de gênero. Assim como na jura de casamento patriarcal tradicional católica, hoje em desuso, a mulher jurava servir ao homem, e ele a provê-la, a "domesticação" limita e empobrece potenciais relacionais vetando aos gêneros envolvidos reciprocidades e protagonismos outros do que o celebrado pela prova genética. Colocada então a ressalva, talvez possamos pensar as datações da disputa mais como uma boda de diamante da simbiótica relação – e então abrir-nos à perspectiva inversa



da relação, a co-evolutiva, com a pergunta: *Tendo alterado tão radicalmente o modo de vida humano, não poderia ser igualmente a relação equino-humana tomada como causa de alguma mudança do nosso genoma?*

A pergunta feita no parágrafo acima deve causar um estranhamento útil à segunda questão, mais densa em termos de cosmojustiça – pois sua premissa, muito típica da cosmovisão ocidental, é bem mais danosa. Trata-se da concepção, aí imiscuída, da <<domesticação como dominação à revelia dos animais-além-dos-humanos>>, da domesticação como simples consequência unilateral dum gosto utilitarista ou capricho estético eletivo de nós humanos, como se num estalar de dedos pudéssemos naquela época imputar a outras espécies um botão de obediência – o que hoje literalmente alguns cientistas experimentam fazer com ratos, implantando chips em seus cérebros.



Imagem 4: Anônimas, e a colorida por Jack Zalium. Fonte: *wikimedia commons*, s.d.

No correr da Evolução natural, entretanto, essa premissa é cabalmente desmentida pelas zebras, equinos da mesma família, aos quais não acorre terem a simpatia e curiosidade -que alguns espécimes de certas espécies têm por alguns animais-humanos (as gatas que o digam).

O ricoço colecionador de animais vivos e mortos (taxidermizados), Walter Rothschild, a fim de exibir sua superioridade e saberes equestres nas academias inglesas bem que tentou forçá-las a puxar carruagens, utilizando para isso da ajuda dum cavalo bem treinado. Ainda que contando com toda a sabedoria acumulada sobre o manejo dos demais perissodáctilos -- e das duras penas que a crueldade dessa concepção das relações animal-humano permite -- nada conseguiu além da foto troféu de sua arrogância (que também exibia montando uma tartaruga). Ao subsumir a relacionalidade companheira numa relação de dominação objetual, tal premissa endossa e promove a ideia dum direito divino do excepcionalismo humano típico da cosmovisão ocidental (Gênesis), e que é em tudo contrário à compreensão da



complexidade aqui em jogo: a das relações interespecies em favor duma ecologia multiespecies, já que a crise ecológica e o próprio surto pandêmico recente nos mostram que vivemos um frágil equilíbrio multiespecies.

Animismo Relacional

A relacionalidade humana-equino-equina-humano, assim como as relações humano-animal em geral, constitui um processo simbólico complexo e que ao longo do tempo, sob condições ambientais e culturais específicas, permitiu o fortalecimento de laços entre certas espécies, muito antes que fosse possível usar cavalos e burros como máquinas de transporte, guerra e colonização. O carácter antropocêntrico do colonialismo, antevisto e projetado na matriz narrativa da <<domesticação como dominação>> do animal-humano sobre o animal não-humano, oblitera o *animismo* de imaginarmos *com* eles a origem duma empatia relacional, duma relacionalidade caracterizada pelo companheirismo, pela co-evolução, por co-histórias, como propõe Haraway em seu Manifesto das Espécies Companheiras (2012). Fundindo diversos termos Haraway nomeou essa qualidade relacional com o adjetivo *simanimagenic* (2013) para designar modos de vida em que a sobrevivência humana se alia a de espécies companheiras com responsA – o que sempre foi uma condição basal para as culturas ameríndias e muitas outras.

A cosmopolítica das relações entre grupos de espécimes de diferentes espécies é agenciada por afectos que, da fofice (*cuddle*)⁶ à fome e do vôo do espírito aos *deamons* (Harry-Porter), se alinham ético-esteticamente na questão última se atribuímos ou não *intencionalidade* aos *animais* além-dos-humanos, e *como* e *quando* o fazemos. Tal questão nos divide entre os que acreditam que o sentido vem unicamente das palavras, como no *Fiat Lux*, e aqueles que, como Nietzsche, acreditando na Ontologia do Sensualismo Radical (Nasser, 2013), não deixam de serem animistas, de *pensarem com* serpentes, cães e águias (como Zaratustra), ou com jumentos, cavalos, vermes...

Utilizo aqui o conceito de *Animismo* como recentemente revisitado e criticamente resvisto por diversos autores, entre os quais destaco a definição de Bird-David: "O animismo (...) envolve a interação responsiva com seres/coisas, e assim os percebendo como pessoas." (Nurit Bird-David *et al*, 2019). Para dizer de maneira resumida, esse animismo revisitado difere da noção colonialista do mesmo, atrelado na origem à ideia de crença primitiva (Tylor) ou enquanto estado inicial do desenvolvimento cognitivo infantil (Piaget). O animismo aí implicaria na ideia



duma confusão entre seres animados e os que não são (entre o que possui vontade e o que, sendo inanimado, não). Já no escopo deste texto é importante enfatizar que essa revisão coloca em xeque essa visão simplista na qual o *Antropomorfismo* estaria ligado somente àquele animismo com que Tylor, preconceituosamente, caracteriza os povos primitivos. Desde as recentes revisões críticas, o Animismo vem mesmo sendo considerado um elemento basal da compreensão humana (Guthrie, Descola, et al), com diferentes implicações teóricas e acarretando diferentes questionamentos filosóficos.

No que nos interessa, os efeitos que uma exacerbação do Antropocentrismo provoca, em sua forma mecanicista e em oposição ideológica a certas práticas de antropomorfismo, deve ser vista criticamente enquanto promoção dum excepcionalismo negativo, dum sentir-pensar que desconsidera a diversidade e a Ecologia das multiplicidades no simbólico como um todo. Em *A Atualidade do Animismo*, Renato Sztutman, esclarece que:

"O animismo inverte o quadro do naturalismo (...): se neste último caso a identificação entre humanos e não humanos passa pelo plano da fisicalidade (o que chamamos corpo, organismo ou biologia), no animismo essa mesma identificação se dá no plano da interioridade (o que chamamos alma, espírito ou subjetividade). Para os naturalistas, a alma seria privilégio da espécie humana, já para os animistas é uma mesma "alma humana" que se distribui entre todos os seres do cosmos."

Por fim, podemos agora então atinar que de fato as pessoas animam muitas coisas, tais como computadores, carros, bonecas e não somente ídolos, sem que isso signifique confundir seres vivos e coisas mortas, como bem o mostra Alfred Gell no livro *Arte e Agência* (1998):

"A boneca da menina não é um agente autossuficiente como um ser humano (idealizado). Mesmo a menina não acha isso. Mas a boneca é uma emanção ou manifestação de agência (na verdade, principalmente da própria criança), um espelho, um veículo ou canal de agência, e, portanto, uma fonte dessas experiências potentes da "copresença" de um agente, como acontece com um ser humano."

Defendo que a genealogia da relação animal-humana conforme esse animismo revisto está intrinsecamente ligada a própria constituição de nossa sensibilidade cognitiva, em um sentido muito amplo. Para sentir-pensar essa relacionalidade afectiva podemos tomar como ponto de partida a ideia que os grupos humanos aprenderam sobre suas emoções convivendo com outros animais e não distante deles, e que foi neste convívio, e não fora dele, que formamos o próprio conceito de *intenção*, sem o qual não haveria a reciprocidade que caracteriza a relacionalidade (e com ela, o que Haraway chama de *simanimagenia*, 2013). Como



brilhantemente coloca Raymond Gaita no livro "O Cão do Filósofo" (2011): "tais conceitos (...) são formados, ao mesmo tempo, em resposta a seres humanos e a seres animais". Se consideramos que há uma intencionalidade dos cavalos e asnos ao se aproximarem de nós – embora não seja possível dizer satisfatoriamente em que consiste a curiosidade desses "parceiros estranhos" pelos humanos — fato é que até então o companheirismo desenvolvido entre essas espécies não se deu à revelia delas, unidirecionalmente pela *vontade* humana. Originada no livro do Gênesis, a narrativa da <<domesticação como dominação>> inicia no ocidente o reducionismo da relacionalidade animal-humana ontológica a uma relação utilitária que molda a exploração do trabalho de todos os seres vivos como objetos, máquinas de correr, de transformar relva em proteína, produzir couro, e mais recentemente, soros e drogas farmacêuticas, experiências genéticas, material de transplante para humanos etc, enfim para servir ao "homem feito a imagem de Deus" e nada mais. Uma humanidade que, sob o sonho escapista de viver em outro planeta, vem esgotando rapidamente seu próprio habitat terrano (Krenak) – habitat este enveredado por uma simbiogênese (Margulis) que só é sustentável desde uma convivência eco-lógica multiespécies, como hoje sabemos.

A chave para uma mudança no modo de relação com os seres vivos *outros-que-humanos* (para usar a designação do impactante livro de Juliana Fausto, 2017) está a meu ver na atenção e conhecimento das características etológicas de cada espécie, seu comportamento ambiental e o cuidado afetuoso em relação ao que elas, ao modo delas, nos dizem.

Podemos então entender que a questão da *liberdade de expressão do comportamento ambiental* de cada espécie, que é uma das cinco liberdades fundamentais dos direitos animais, passa pela promoção tanto de uma ciência ecológica (baseada em grande volume de dados), como pela de um pensar-sentir que atribua a essa liberdade uma agência (Gell, 1998) primordial para o bem-estar terrano.

Xapsim: Conversa-Dança-desenho

Essas questões, pensadas durante o doutoramento em Arte Multimídia, foram instigadas ao longo do desenvolvimento do trabalho prático que apresento a seguir. Posto que toda pesquisa em arte deve partir da prática, o trabalho foi feito com a bailarina Coline Gras, grande conhecedora (e encantadora) de cavalos que me abriu as porteiras para efetivamente conseguir me aproximar dos animais, a performance Xapsim: CDD dá protagonismo aos cavalos buscando possibilitar a expressão do comportamento ambiental, de cavalos embora



confinados. Para tal, desenvolvi um modo de desenhar que, por uma série de razões (que serão narradas junto aos relatos da pesquisa de campo) atraiu a atenção dos equinos.

Animista, o sentir-pensar multiespécies que investigo desde então é demarcado pela busca de uma qualidade relacional na qual questões pertinentes à materialidade da *relação* (causal) e a *relacionalidade* (afetiva e comportamental) se entrecruzam, já que em performance realizo desenhos diretos de observação junto a cavalos soltos, a fim de que eles se aproximem de mim. Usando o desenho como método de aproximação etológica com os cavalos, chamei a essa prática de *desenhar rebolante*. Abrindo caminho para o exercício duma ecologia da Arte em minha trajetória, este trabalho é fruto da investigação doutoral que resultou na performance apresentada em Lisboa em maio de 2021. As imagens e os desenhos a seguir foram feitos durante as pesquisas de campo e a performance.

Em favor do cultivo de uma relacionalidade de responsA, de uma atitude responsiva e ecologicamente responsável (uma *responsAbility*, como diz Haraway), fabulo especulativamente aí produzir a simanimagenia duma soltura cavalar, junto a esse animal que é tão colonizado quanto nós mesmos.





Imagem 5: Prancheta móvel utilizada para o desenhar rebolante. Lisboa, 2020.



Imagem 6: Coline Gras e o Cavalo Saldek. Camallera, Espanha, 2020.

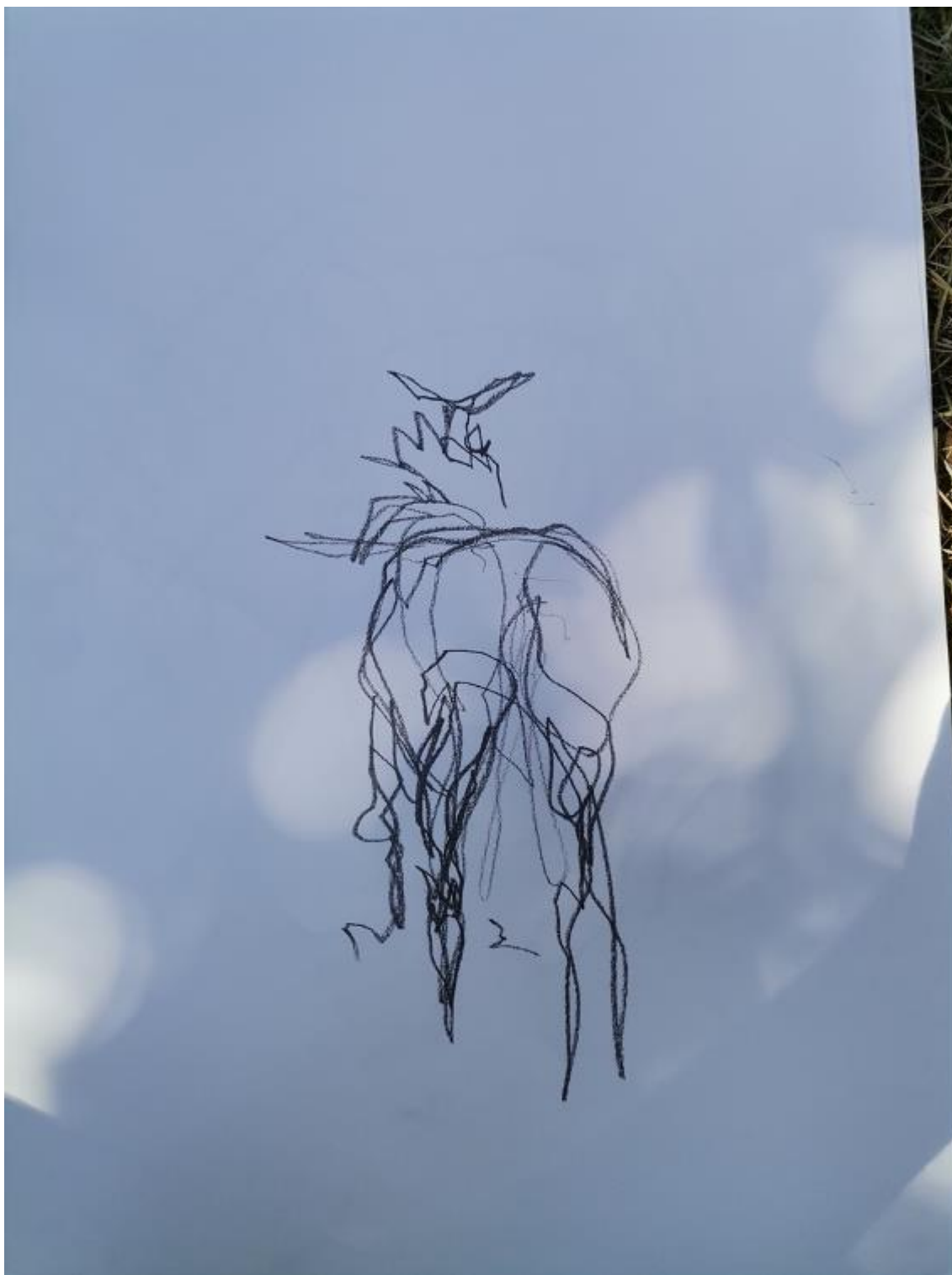


Imagem 7: Dança-desenho rebolante sem mover o lápis (Saldek). 2020.

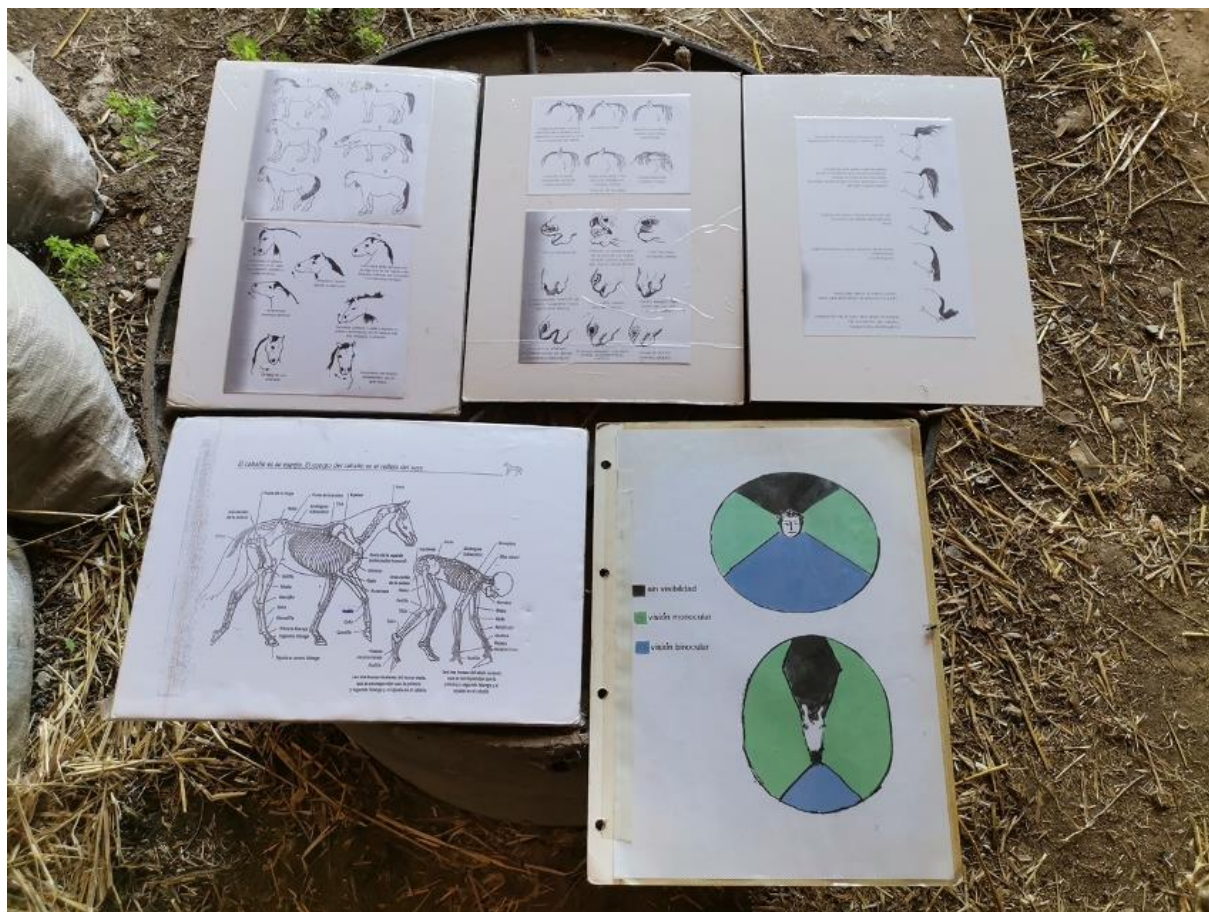


Imagem 8: Materiais de pesquisa de campo da Especialista Equestre e em Etologia Equina
Pilu Sales. Camallera, 2020.





Imagem 9: Pesquisa de campo na Associação Todos a Galope (TAG), Lisboa, 2021.



Imagem 10: Still da Performance Xapsim Conversa-dança-desenho na TAG. Lisboa, maio de 2021.

Referências

HARAWAY, Donna J.. *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2013

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

CHEN, Mel Y. *Animacies: Biopolitics, racial mattering, and queer affect*. Duke University Press, 2012.

Despret, Vinciane. "O que diriam os animais se." *Caderno de Leituras* 45 (2016).

Fausto, Juliana. "A cosmopolítica dos animais." *São Paulo: n-1 edições* (2020). GAITA, GAITA, Raimond. "O cão do filósofo." *Tradução: Maria Lúcia Daflon. Rio de Janeiro: DIFEL* (2011).



REES, Lucy. *Horses in Company*. The Crowood Press, 2017.

NASSER, Ontologia e Espistemologia em Nietzsche. Tese de Doutorado. USP, 2013.

BIRD-DAVID, Nurit. "Animism" revisited: personhood, environment, and relational epistemology. **Current anthropology**, v. 40, n. S1, p. S67-S91, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*.

XENOFONTE in E. C. Marchant, G. W. Bowersock, tr. *Constituição dos atenienses*. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., Londres. 1925. (sessão 3, Sobre a Doma).

SALES, Pílu. Apostila de ensino do método "Del pié a tierra", cujas imagens foram gentilmente cedidas pela autora, 2020.

NOTAS

1. Simagem: Termo que agrega à palavra imagem o radical *sim* que quer dizer *junto, com*, como em simbiogênese. Inspirado no neologismo *simanimagenia* (Haraway, 2013) ele é desenvolvido na tese doutoral do autor (que está aguardando defesa).

2. A questão do confinamento Zoológico desponta num dos primeiros textos contemporâneos a aproximar a questão do olhar, e da Arte, dos Estudos Animais, "Porque olhar os animais", de 1980 de John Berger. Sobre "depuração de raça" é sempre bom lembrar que ela promove características genéticas recessivas, atuando de modo contrário ao mecanismo de seleção natural, o que produz espécies vulneráveis a problemas congênitos, como ocorre por exemplo com os cachorros Pug.

3. Neologismo, o termo *humanes* brinca com as divisas de gênero e alude às diferentes concepções antropológicas e anti-antropológicas (Viveiros) do que é ser humano.

4. Sob o tema da Zoopoética e do Animalismo, escritora-pesquisadora Maria Esther Maciel aborda a presença dos animais em obras ficcionais de sua autoria e de diversos autores como Guimarães Rosa, Carlos Drummond, Clarisse Lispector, Borges...

5. Os cavalos possuem mais expressões faciais que nós e pesquisas tem sido feito no sentido de decifrá-las. Sobre isso ver o artigo *EquiFACS: The Equine Facial Action Coding System* disponível em <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0131738>

6. Ver Lorimer, Jamie sobre *Non-human carisma* em *Environment and Planning D: Society and Space* 2007, volume 25, pages 911 a 932.